



Edição original em francês.  
Nova York: Reynal & Hitchcock, 1946

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

O  
PEQUENO  
PRÍNCIPE

Com aquarelas do AUTOR

LUCIANA SANDRONI

TRADUÇÃO



A Léon Werth.

Eu peço desculpas às crianças por dedicar este livro a um adulto. Tenho um bom motivo: esse adulto é o melhor amigo que tenho no mundo. Tenho outra razão: esse adulto entende tudo, até mesmo os livros para as crianças. Tenho um terceiro motivo: ele mora na França e passa fome e frio. Ele precisa de consolo. Se todas essas razões não forem suficientes, dedico, então, este livro à criança que esse adulto foi um dia. Todos os adultos já foram crianças. (Mas poucos se lembram disso.)

Corrijo então minha dedicatória:

A Léon Werth, quando era um menino.

.|

QUANDO eu tinha seis anos, vi uma vez uma imagem magnífica num livro sobre a Floresta Virgem chamado *Histórias vividas*. A imagem representava uma jiboia que engolia uma fera. Aí está a cópia do desenho.



No livro dizia: “As jiboias engolem sua presa inteira sem mastigar. Depois, não podem mais se mexer e dormem durante os seis meses da digestão”.

Pensei muito sobre as aventuras na selva e, com um lápis de cor, fiz meu primeiro desenho. Meu desenho número 1 era assim:



Mostrei minha obra-prima aos adultos e perguntei se meu desenho dava medo.

Eles me responderam:

“Por que um chapéu me daria medo?”.

Meu desenho não representava um chapéu. Era uma jiboia digerindo um elefante. Então desenhei o interior da jiboia, para que os adultos conseguissem entender. Eles sempre precisam de explicações. Meu desenho número 2 era assim:



Os adultos me aconselharam a deixar de lado os desenhos de jiboias abertas ou fechadas, e a me dedicar mais à geografia, à história, ao cálculo e à gramática. E foi assim que abandonei, aos seis anos, uma magnífica carreira de pintor. O fracasso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2 me desanimou. Adultos nunca entendem nada sozinhos e é cansativo para as crianças terem que dar explicações o tempo todo.

Tive então que escolher outra profissão e aprendi a pilotar aviões. Voei um pouco por toda parte do mundo. E a geografia, não posso negar, me ajudou muito. Eu sabia distinguir, só com uma olhadela, a China do Arizona. Isso é muito útil, se a gente se perde à noite.

Assim, durante a minha vida, fiz muitos contatos com um monte de gente séria. Convivi com os adultos, os conheci de perto. O que não melhorou muito minha opinião sobre eles.

Quando encontrava com um que me parecia um pouco mais lúcido, fazia a experiência com meu desenho número 1, que sempre guardei. Queria saber se ele era capaz de entender. Mas sempre respondiam a mesma coisa: “É um chapéu”.

Então eu não falava nem de jiboias, nem de florestas virgens, nem de estrelas. Eu me colocava no nível dele e falava de *bridge*, de golfe, de política e de gravatas. E o sujeito ficava bem satisfeito de conhecer um homem tão sensato.

**E ASSIM** vivi sozinho, sem ninguém com quem eu pudesse conversar de verdade, até sofrer uma pane no deserto do Saara, seis anos atrás. Qualquer coisa se quebrou no motor. E como não havia nem mecânico nem passageiros comigo, me preparei para tentar consertá-lo sozinho, mesmo sendo difícil. Era questão de vida ou morte. Eu só tinha água para oito dias.

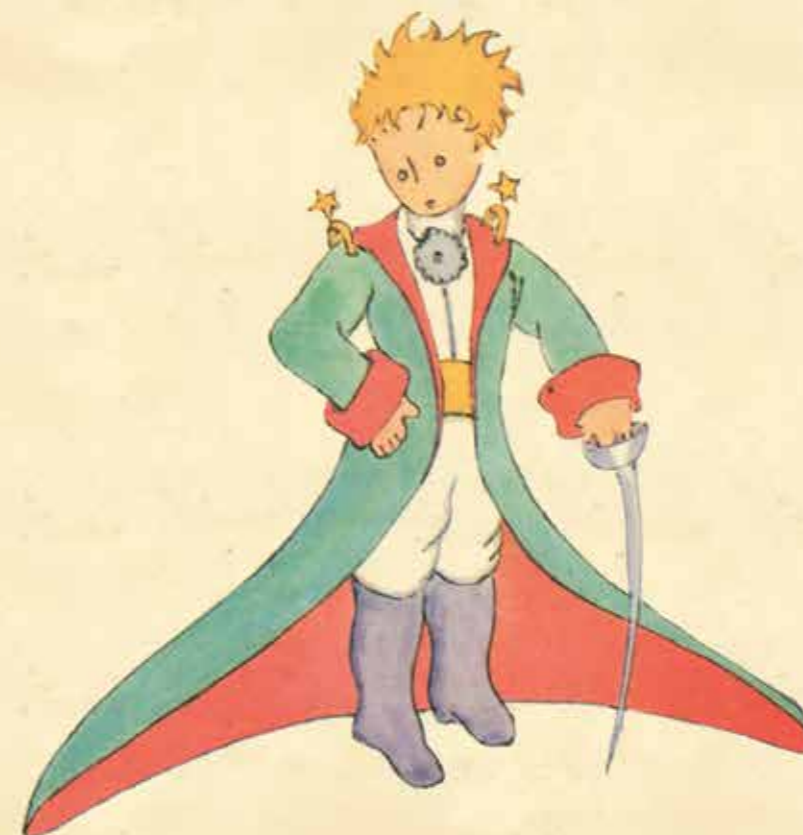
Na primeira noite adormeci na areia a mil milhas de qualquer terra habitada. Estava mais isolado que um náufrago agarrado a uma tábua no meio do oceano. Então, imaginem minha surpresa, ao amanhecer, quando uma vozinha engraçada me acordou e disse:

— Por favor... desenhe para mim um carneiro!

— Hein?!

— Desenhe para mim um carneiro...

Eu me levantei rápido como atingido por um raio. Esfreguei bem os olhos e olhei bem. E vi um homenzinho totalmente extraordinário que me olhava com um ar sério. Eis o melhor retrato que, mais tarde, consegui fazer dele. Meu desenho, com certeza, é muito menos encantador que o modelo. Não é minha culpa. Fui desencorajado da minha carreira de pintor pelos adultos aos seis anos, e não aprendi a desenhar, salvo as jiboias abertas e fechadas.



Olhei para aquela aparição com os olhos arregalados de espanto. Não esqueçam que eu estava a mil milhas de qualquer povoado. Além disso, o meu homenzinho não parecia perdido, nem morto de cansaço, nem morto de fome, de sede, ou de medo. Não parecia em nada com um menino perdido no deserto. Quando finalmente consegui falar, perguntei:

— Mas... o que você está fazendo aí?

E ele repetiu, docemente, como uma coisa muito séria:

— Por favor... desenhe para mim um carneiro...

Quando o mistério é muito impressionante, é melhor não desobedecer. Por mais absurdo que aquilo me parecesse a mil milhas de qualquer região habitada e correndo risco de vida, tirei do meu bolso uma folha de papel e uma caneta. Então, lembrei que tinha estudado principalmente geografia, história, cálculo e gramática e disse ao rapazinho (com um pouco de mau humor) que não sabia desenhar. Ele me respondeu:

— Isso não tem importância. Desenhe para mim um carneiro.

Como nunca tinha desenhado um carneiro, refiz para ele um dos dois únicos desenhos que era capaz. Aquele da jiboia fechada. E fiquei espantado com a resposta dele:

— Não! Não! Não quero um elefante dentro de uma jiboia. Uma jiboia é muito perigosa, e um elefante é espaçoso demais. Onde moro é muito pequeno. Eu preciso de um carneiro. Desenhe para mim um carneiro.

Então eu desenhei.



Ele olhou atentamente e disse:

— Não! Este é muito doente. Faz outro.

Fiz outro:



Meu amigo sorriu gentilmente, com paciência:

— Veja bem... este não é um carneirinho, é um “carneirão”. Tem chifres...

Refiz o meu desenho:

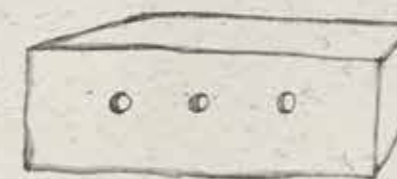


Porém, como os anteriores, também não agradou:

— Este é velho. Quero um carneiro que ainda tenha muitos anos de vida.

Então, já sem paciência nenhuma, e como tinha pressa de consertar o motor, rabisquei este desenho e disse logo:

— Isto é uma caixa. O carneiro que você quer está dentro dela.



Fiquei bobo de ver se iluminar o rosto do meu jovem juiz:

— Era exatamente o que eu queria! Você acha que ele precisa de muito capim?

— Por quê?

— Porque onde moro é muito pequeno.

— Isso será o suficiente com certeza. Eu te dei um carneiro bem pequeno.

Ele inclinou a cabeça para ver o desenho:

— Ele não é tão pequeno assim... Veja!

Dormiu...

E foi assim que conheci o pequeno príncipe.

